



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
PROJETO E TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO
LINHA DE PESQUISA: PLANEJAMENTO E PROJETO DE ARQUITETURA
DISCIPLINA: IDEIA, MÉTODO E LINGUAGEM

IDEA: a evolução do conceito de belo (PANOFSKY, 1994)

Mestranda: Luana Marinho Matos

Professora: Sonia Afonso, Profa. Dra.

Orientador: Luiz Salomão Ribas Gomez, Prof. Dr.

Coorientadora: Alice Teresinha Cybis Pereira, Profa. PhD.

FLORIANÓPOLIS – SC

Abril 2009



**Erwin
Panofsky
(1892-1968)**

- Graduou-se em 1914 na Universidade de Friburgo, com uma tese sobre o pintor alemão Albrecht Dürer, depois de estudar em várias universidades alemãs.
- Em 1916 casou-se com Dora Mosse, também historiadora da arte.
- Em 1924 aparece a primeira de suas grandes obras: *Idea: uma contribuição para a história das idéias na história da arte*, em que examina a história da teoria neo-platônica na arte.
- Entre 1926 e 1933 foi professor na Universidade de Hamburgo, onde havia começado a lecionar em 1921. Abandonou a Alemanha quando os nazistas tomaram o poder em 1933 (era de ascendência judia) e instalou-se nos Estados Unidos, para onde havia viajado como professor convidado em 1931.
- Foi professor no Instituto para Estudos Avançados da Universidade de Princeton (1935-1962), mas também trabalhou nas universidades de Harvard (1947-1948) e Nova Iorque (1963-1968).

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

A Antiguidade¹

“ 'Penso que não existe em parte alguma' afirma Cícero, 'algo de tão belo cujo original de que foi copiado não seja ainda mais belo, como é o caso de um rosto em relação a um retrato; mas não podemos apreender esse novo objeto nem pela visão, nem pela audição ou qualquer dos outros sentidos; ao contrário, é apenas em espírito e em pensamento que o conhecemos [...]' " (p.15)

"Platão², o professor e mestre que alia a potência do pensamento à expressão, designa essas formas das coisas sob o termo idéias; ele nega que sejam perecíveis, afirma que têm uma existência eterna e se acham contidas apenas na razão e no pensamento." (p.16)

"[...] o conceito platônico de Idéia na verdade contradiz a concepção platônica da arte [...]" (p.16)

1. Antiguidade (4000 a.C. – 476 d.C.)

2. Platão (427 a.C – 347 a.C)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"O pensamento da Antiguidade, na medida em que fazia da arte um objeto de sua reflexão, havia desde o início (exatamente como o faria mais tarde o do Renascimento³) justaposto ingenuamente dois temas não obstante contraditórios: de um lado concebia-se que a obra de arte era inferior à natureza, uma vez que não fazia mais do que imitá-la, chegando, na melhor das hipóteses, a produzir sua ilusão; concebia-se, por outro lado, que a obra de arte era superior à natureza, uma vez que, corrigindo as falhas das produções naturais tomadas individualmente, ela lhe opunha, com plena independência, uma imagem renovada da beleza." (p.18)

"Já Sócrates admitia como óbvio que a pintura, embora simples 'cópia das coisas visíveis', fosse ao mesmo tempo obrigada e capaz, 'na ausência de um homem cujo físico fosse irrepreensível sob todos os aspectos', de representar um corpo cuja aparência fosse bela, combinando, a partir de uma multiplicidade de corpos, o que de mais belo houvesse em cada um deles [...]." (p.19)

3. O período do Renascimento decorreu do séc. XV ao fim séc. XVIII (JORDAN, 1985, p. 167)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"[...] Platão, 'inimigo da arte', chegou a comprar, numa passagem notável, o modelo de sua cidade perfeita, cujo correspondente exato é impossível encontrar na realidade, com a obra de um pintor que propusesse em sua tela um 'paradigma' do homem canonicamente belo, que passaria por um pintor realizado, não apesar de, mas precisamente por mostrar-se incapaz de indicar as condições em que se apresentara a ele empiricamente uma beleza tão perfeita." (p.18)

"[...] a despeito de seu apego muito forte à noção de '*mimese*'⁴, o pensamento da Antiguidade grega de modo algum permaneceu alheio à concepção que considera o artista não apenas o humilde copista da natureza, mas também seu êmulo, corrigindo com plena independência, por seu poder livremente criador, as inevitáveis imperfeições dela." (p.20)

4. Mimese é considerada a teoria da imitação (PANOFSKY, 1994)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"[Segundo a definição Aristotélica⁵,] a única diferença entre as obras de arte e as produções da natureza é que sua forma, antes de penetrar na matéria, reside na alma humana: 'É um produto da arte tudo aquilo cuja forma reside na alma.' " (p.22)

"[...] Aristóteles, enumera inicialmente as quatro causas da obra de arte: 'a matéria de que é produzida, o artista por quem é produzida, a forma em que é produzida e o fim em vista do qual é produzida' [...]. 'A essas quatro causas [...] Platão acrescenta ainda uma quinta, o modelo (*exemplar*) que, por sua vez, é chamado de idéia.' " (p.24)

"A filosofia de Plotino⁶, ao contrário, procura conquistar para a 'forma interior' um direito metafísico que mereça a categoria de um 'modelo perfeito e supremo.' " (p.26)

5. Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.)

6. Plotino (205 d.C. – 270 d.C.)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"[...] para Plotino, numa irradiação da Idéia através da matéria, [...] a beleza de uma obra de arte provém de que uma forma ideal á 'emitida' na matéria e, triunfando sobre sua grosseira inércia, anima-a por assim dizer, ou antes esforça-se por animá-la." (p.28)

"Aristóteles já havia sustentado que a forma da obra de arte preexiste na alma de seu criador, antes de penetrar na matéria, e havia invocado, para ilustrar esse fato, os exemplos, mais tarde retomados por Plotino, do arquiteto imaginando em seu espírito a casa e do escultor concebendo a estátua; [...] a forma representa em relação à matéria algo de melhor e de mais divino." (p.28)

[Para Aristóteles a matéria tem potencialmente uma aptidão à perfeição da enformação, ela atrai a forma.] (p.28)

"Para Plotino, em contrapartida, a 'matéria' representa o mal absoluto, o completo não-ser; jamais pode ser perfeitamente 'enformada' [...]." (p.29)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"Para Aristóteles, com efeito, comparar do ponto de vista do valor a casa inteligível e a casa real, a estátua inteligível e a estátua real não faria sentido algum, porque a casa não é propriamente uma casa, nem a estátua uma estátua, enquanto a forma não penetra a matéria.⁷" (p.29)

"Plotino [...] opôs-se formal e apaixonadamente à definição da beleza em que o classicismo da Antiguidade e o do Renascimento associavam 'equilíbrio das proporções' e 'beleza do colorido', isto é, 'simetria das partes entre si e com o todo, unida a um colorido agradável.' " (p.30)

7. "[...] 'pois a matéria não admite ser completamente enformada pela Idéia.' " (PANOFISKY, 1994, p.169)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"[...] se a concepção 'mimética', segundo a qual a arte representa uma imitação do mundo sensível, contesta a legitimidade das belas-artes definindo seu objetivo como indigno de se buscado, a concepção 'heurística'⁸, segundo a qual a arte detém a nobre missão de fazer penetrar uma 'forma' na matéria rebelde, contesta a própria possibilidade de seu sucesso na medida em que seu próprio objetivo é dado como impossível de atingir." (p.31)

"Enquanto imitações do mundo sensível, as obras de arte são desprovidas de uma significação mais elevada, espiritual ou, se preferirmos, simbólica; mas, enquanto manifestações da Idéia, elas são então privadas de sua finalidade e de sua autonomia próprias; e tudo se passa como se a teoria das Idéias, para não ter de abandonar o ponto de vista metafísico que é o seu, se visse obrigado em ambos os casos a contestar a obra de arte." (p.33)

8. Arte de inventar ou descobrir. (PRIBERAM, 2009)

Capítulo I

A Idade Média

Capítulo II

[Na concepção estética do Neoplatonismo⁹] "a beleza visível representa apenas o reflexo de uma beleza invisível [...]." (p.35)

Capítulo III

"Também Agostinho [354 – 430 d.C.] reconhece que a arte dá a contemplar um tipo de beleza que, longe de pertencer apenas aos objetos da natureza para depois ser conferida, por imitação, às obras de arte, reside antes no espírito do artista, o qual, sem mediação, transfere-a para a matéria; mas, para ele também, essa beleza visível é apenas uma débil parábola da invisível beleza; e a admiração perante as formas singulares do belo que o artista trazia em sua alma antes de torná-las visíveis em sua obra, como em mediador entre Deus e o mundo material, essa admiração é transcendida em Agostinho como adoração da imensa Beleza situada 'para além das almas' – as 'coisas belas', aquelas que o artista pode conceber em seu espírito e tornar visíveis pelo trabalho de suas mãos, são derivadas dessa 'beleza' que não podemos venerar nas obras de arte, mas somente além delas." (p.35)

9. Corrente de pensamento iniciada por Plotino (séc. III) baseada nos ensinamentos de Platão

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"[...] a Idade Média¹⁰: 'As Idéias são as formas ou os princípios originários das coisas; elas são imóveis e incorruptíveis, e não obtêm sua forma de si mesmas; são portanto eternas, conservam constantemente o mesmo estado e estão encerradas no espírito divino; e, embora elas próprias não nasçam nem morram, tudo o que nasce e morre é modelado, por assim dizer, a partir delas.' ” (p.37)

"As Idéias, que segundo a concepção platônica [...], transformaram-se assim, no curso de uma evolução que culmina em Agostinho, primeiro nos conteúdos de um espírito criador do mundo, e depois nos pensamentos de um Deus pessoal [...]." (p.38)

10. O período da Idade Média decorreu do séc. V ao séc. XV (GNU, 2008)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"O mesmo se passa com a definição da 'Idéia' como tal, retomada sempre a partir da discussão agostiniana, pois a concepção aristotélica, que dava à Idéia o sentido de uma 'forma interior' (igualmente em relação ao espírito humano) e não transcendente¹¹, era tão pouco satisfatória, do ponto de vista do cristianismo, quanto a concepção platônica que dava à Idéia o sentido (igualmente em relação ao espírito divino) de uma entidade existente *per se*." (p.39)

"Produzir as Idéias e abrigá-las tornou-se uma espécie de privilégio do espírito divino [...]." (p.40)

"Nesse sentido a casa preexiste no espírito do arquiteto e pode ser definida como a idéia da casa, porque o artista se esforça em reproduzir a casa (ou seja, a casa real) segundo a forma que concebeu em seu espírito. [...] E é nisso que consiste a essência conceitual da Idéia." (p.41)

11. Que se ocupa das questões mais elevadas. (PRIBERAM, 2009)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"Para o pensamento medieval, portanto, era um fato solidamente estabelecido que o artista criava formas inspirando-se, se não numa idéia no sentido propriamente metafísico¹², pelo menos numa representação da forma, interior ao próprio artista e preexistente à obra, ou ainda numa 'quase-Idéia'." (p.41)

"Podemos portanto concluir que, para a Idade Média, a obra de arte não resulta de uma explicação entre o homem e a natureza, conforme a expressão cara ao século XIX, mas da projeção na matéria de uma imagem interior. Essa imagem interior certamente não tem mais a significação da 'Idéia', que doravante tornou-se um termo técnico da teologia, mas ela pode ser comparada ao conteúdo desse conceito. Dante¹³ [...], resumiu numa única fórmula lapidar o sentido da teoria medieval da arte: 'A arte encontra-se em três níveis: no espírito do artista, no instrumento que ele utiliza e na matéria que recebe sua forma da arte.' " (p.43)

12. Relativo a teoria das idéias. (PRIBERAM, 2009)

13. Dante (1265 d.C – 1321 d.C.)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

O Renascimento

"[...] a arte tem por missão ser uma imitação direta da realidade."
(p.45)

"Algo de extraordinariamente novo aparece: o pintor é aconselhado a colocar-se em frente a um modelo [...]." (p.45)

"[...] Leonardo da Vinci¹⁴ estabelece como princípio que 'a pintura mais digna de elogio é a que apresenta maior semelhança com a coisa que quer pintar, e digo isso para refutar os pintores que querem corrigir as coisas da natureza [...].'" (p.46)

"[...] o Renascimento exigiu de suas obras de arte simultaneamente fidelidade à natureza e beleza, sem perceber nisso a menor contradição [...]." (p.47/48)

14. Leonardo da Vinci (1452 d.C. – 1519 d.C.)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"[...] não ainda porque incriminasse a falta de 'idéias' do imitador [...], mas simplesmente porque a natureza é infinitamente mais rica que as obras dos pintores [...]." (p.48)

"As concepções artísticas do Renascimento, em oposição às da Idade Média, têm portanto como característica o fato de que, de certo modo, elas arrancam o objeto do mundo interior da representação subjetiva e o situam num 'mundo exterior' solidamente estabelecido; também dispõem entre o sujeito e o objeto (como o faz na prática a 'perspectiva') uma distância que ao mesmo tempo reifica¹⁵ o objeto e personifica o sujeito." (p.49)

"[...] quanto mais a teoria da arte se atém a seus objetivos e pressupostos (como é o caso do Renascimento propriamente dito e, depois, do Neoclassicismo), mais a concepção da Idéia perde a validade metafísica ou, pelo menos, a validade *a priori* que tinha até então." (p.55)

15. Transforma em coisa. (PRIBERAM, 2009)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

"[...] bela é a coisa que, na terra, está em harmonia mais completa com a Idéia da beleza (e ao mesmo tempo com sua idéia própria), e reconhecemos essa harmonia relacionando a aparência sensível à 'fórmula' conservada em nós." (p.56)

[Segundo Vasari,] “ '[...] pode-se portanto concluir que o desenho nada mais é do que a criação de uma forma intuitivamente clara e correspondente ao conceito que o espírito contém e se representa, e do qual a idéia é de certo modo o produto.' ” (p.61)

A partir de agora, a idéia não 'reside' ou não 'preexiste' mais na alma do artista, como era dito em Cícero¹⁶ e em Tomás de Aquino¹⁷; tampouco ela lhe é 'inata', conforme a expressão típica do Neoplatonismo; muito pelo contrário, ela 'vem ao espírito', 'nasce', é o 'produto' ou uma 'aquisição' da realidade, sendo realmente 'modelada e esculpida'. ” (p.62)

16. Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.)

17. Tomás de Aquino (1225 d.C – 1274 d.C.)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

“[...] a *'Idea'*, que o artista produz em seu espírito e manifesta por seu desenho, não provém dele, mas sim da natureza por intermédio de um *'juízo universal'*, o que significa que ela se acha prefigurada e como que em potência nos objetos, mesmo que seja conhecida e realizada em ato só pelo sujeito.” (p. 63)

[A Antiguidade] “[...] interpretava o conceito dessa *'Idéia'* não no sentido de um equilíbrio, mas no sentido de uma independência entre o espírito e a natureza. Já o Renascimento interpretou o conceito de *Idéia* – ainda que só tenha sido explicitamente formulada pelo classicismo¹⁸ do século XVIII – no sentido de uma concepção da arte que é específica dos tempos modernos, com a característica essencial de transformar o conceito de *Idéia* no de *'Ideal'* e de identificar o mundo das *Idéias* com um mundo de realidades superiores.” (p.64)

18. A arte classicista procura a pureza formal, o equilíbrio, o rigor. (GNU, 2008)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

“Portanto o termo ‘Idea’ no século XVI [...] pode possuir em teoria da arte duas significações essencialmente diferentes.

1. *Idea* designa a representação que se tem de uma beleza que supera a natureza, no sentido em que se entenderá, só mais tarde, o conceito de ‘Ideal’.
2. *Idea* designa a representação que se tem de uma imagem independente da natureza e possui a mesma significação que as noções de ‘pensamento’ ou de ‘conceito’, as quais, desde os séculos XIII e XIV, eram utilizadas nesse sentido.” (p.66)

“Mas essas duas significações nem sempre eram claramente distinguidas, e nem poderiam sê-lo, dado que a segunda poderia, em certos casos, incluir a primeira em virtude da sua acepção mais ampla (por isso, às vezes se acrescenta expressamente ao termo ‘Idea’ o qualificativo ‘bela’ ou ‘formosa’).” (p.67)

Bibliografia

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Priberam Informática S.A.**, Lisboa, 2009. Disponível em: < <http://www.priberam.pt/>>. Acesso em: 16 mar. 2009.

JORDAN, R.F. **História da arquitetura no Ocidente**. Tradução: Costa, M.C.R. Verbo, 1985.

PANOFSKY, Erwin. **Idea: a evolução do conceito de belo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Wikipedia, a enciclopédia livre. **GNU Free Documentation License**. Boston, 2008. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 23 mar. 2009.